

A recepção da dialética para Marx*

Maria Cristina Longo Cardoso Dias

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ABSTRACT: The paper attempts to demonstrate in which way Marx received the concept of dialectic developed by Hegel. To what extent does the concept in Marx's terms has Hegelian traits and to what extent is Marx's concept away from it? According to Marx, dialectic is a capitalist characteristic, since this mode of production is composed of innumerable sharp contradictions. Although Marx admitted Hegel was one of the first to understand the general forms of dialectical movement, for the author, it would be “upside down” in terms explained by Hegel. In this way, Marx explores what it would mean to untap hegelian dialectic, in order to apprehend the movement of the real, as a way of understanding capitalist mode of production as essentially contradictory. The overcoming of capitalist mode of production could only come through a communist revolution capable of establishing a rational and conscious society without capitalist contradictions.

KEYWORDS: Marx, dialectic, Hegel, capitalist mode of production.

1. Introdução

O artigo busca mostrar que a influência de Hegel é absorvida por Marx de certa forma, como ressalta Hegel na *Ciência da Lógica*: “A negatividade considerada constitui o *ponto de virada* do movimento do conceito.”¹ Contudo, para Marx este ponto de virada está no próprio objeto analisado que é o modo de produção capitalista. Marx pouco escreve sobre método, porque o autor ressalta que a apreensão das categorias econômicas, da forma como ele faz, significa a própria apreensão da realidade que, no caso do modo de produção capitalista é contraditória, dialética. O autor não escreve uma *Ciência da Lógica*, como fez Hegel, muito provavelmente, porque as categorias da economia política apreendidas pela análise do todo concreto vivente, efetuando as abstrações necessárias para que o capital em geral possa ser explicado e os elementos que dependem destas explicações possam ser colocados até que se reconstrua o todo concreto que existe fora da mente, para Marx, seria a máxima unidade entre pensamento e objeto, do pensamento que reconstrói o objeto a partir de sua lógica própria.

* Artigo recebido em Junho 2019 e aprovado em Outubro 2019.

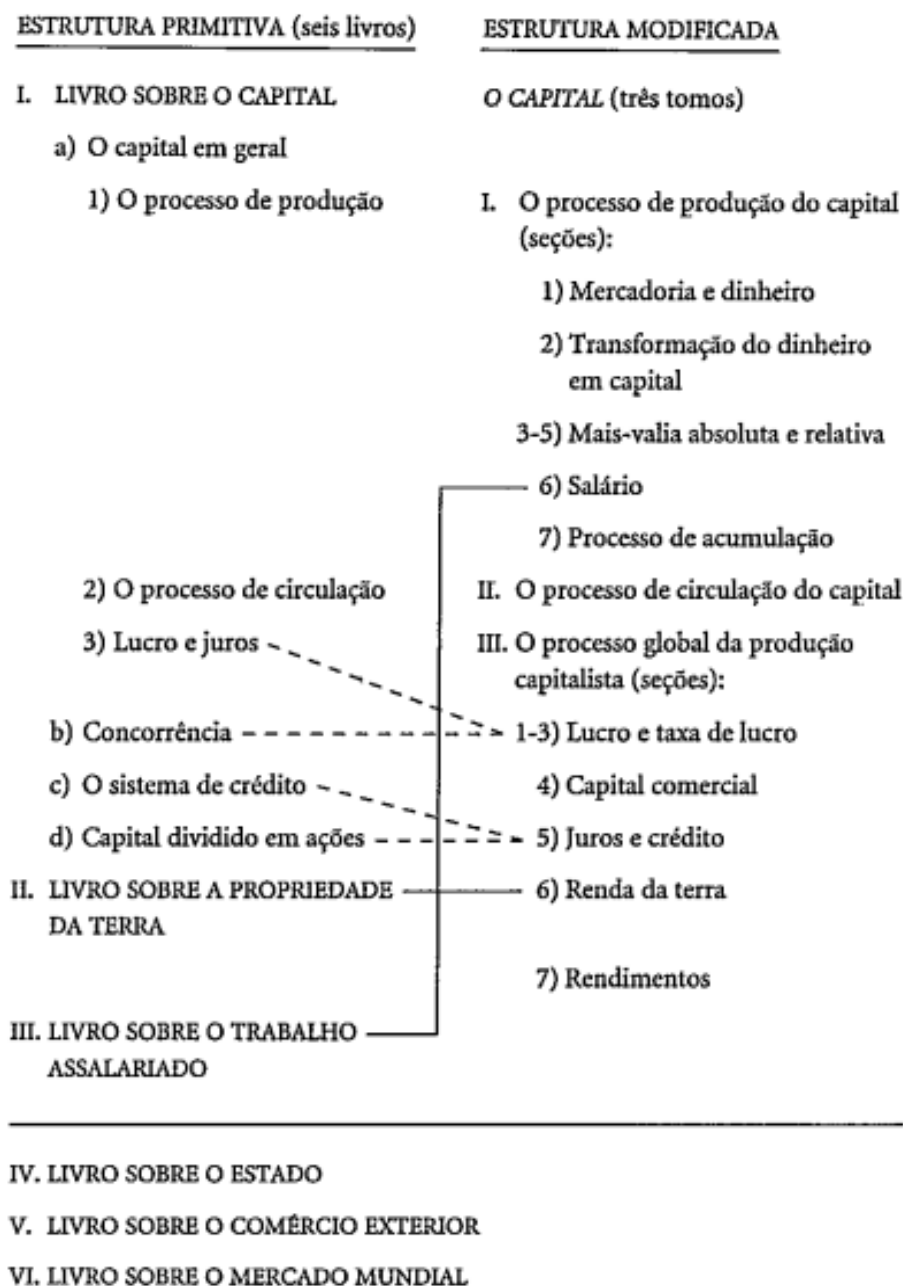
¹ HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica. 3. A Doutrina do Conceito*. Trad. de Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis: Editora Vozes, 2018, 325.



Em outras palavras, para Marx não haveria lógica separada do objeto, apesar do objeto ter a sua própria lógica que pode ser apreendida e reconstruída pelo pensamento. É por isso que, apesar de Hegel ter influenciado Marx sobre a dialética, o autor volta-se totalmente para a reconstrução das categorias da economia política de forma crítica. Para Marx não há lógica que possa ser explicada fora da explicação da própria coisa, por isso para ele a dialética de Hegel se encontraria de “cabeça para baixo,” seria necessário desvirá-la, por isso para ele não se torna necessário conceituar categorias à parte das categorias que dizem respeito ao próprio objeto, tomar este tipo de posição teórica constituiria cair no erro denominado por ele de mistificação.

Conforme mostra Rosdolsky tanto no plano original de escrita de *O Capital*, quanto na estrutura final da obra redigida por Marx, o autor não pretendia expor seu método. Rosdolsky analisa diversas cartas escritas por Marx, os *Grundrisse*, a *Contribuição da Crítica da Economia Política* e o texto *Teorias da Mais Valia* que nos permitem efetuar esta afirmação. Vide abaixo esquema de Rosdolsky² do plano original de *O Capital* e da escrita final dos três tomos:

² ROSDOLSKY R., *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Trad. César Benjamin. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, pp. 59-60.



Obs: As linhas cheias correspondem a modificações dentro dos três primeiros livros; as linhas pontilhadas representam modificações dentro do "Livro sobre o capital".

Como se pode depreender do esquema acima, Marx, em nenhum momento, na escrita de *O Capital*, planeja dissertar sobre método.

Por isso, não fazemos neste artigo, o que Marx não fez, a saber: separar lógica e lógica do objeto, propomo-nos a demonstrar as críticas e elogios à lógica dialética hegeliana, feitas

por Marx, bem como relacionar a recepção da dialética de Hegel por Marx, mostrando como isto ocorre em parte do livro I de *O Capital*. Ademais relacionamos as passagens que Marx cita sobre dialética e método (em seus rascunhos: Os *Grundrisse*) ao conceito de dialética posto por Hegel. O principal local em que Marx comenta método são os seus rascunhos, por isso não é possível depreender que Marx tivesse qualquer obrigação de citar Hegel, ou que se possa concluir que o autor tivesse alguma intenção em de fato dedicar-se a escrever sobre método. Reconstruir categorias lógicas separadas das categorias da economia política e atribuí-las a Marx seria recair no erro que Marx chamou de mistificação.

Neste sentido, não se pretende, intencionalmente, neste trabalho, diferenciar níveis de abstração entre as categorias lógico-abstratas (como essência, aparência, contradição etc.) e as categorias da economia política, para Marx.

O papel desempenhado pela dialética hegeliana para a compreensão conceitual de Marx do modo de produção capitalista está, principalmente, em apreender que este modo de produção é composto de inúmeras oposições que pelos seus choques tendem a fazer perecer o sistema baseado na lógica do Capital.

2. Desenvolvimento do texto

Se em alguns textos de juventude como a *crítica da filosofia do direito de Hegel* (de 1843) e a *Ideologia Alemã* (de 1845-1846) Marx tenha criticado duramente Hegel, a ponto de parecer afastar-se dele; em seus textos de maturidade³ e nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* sua crítica persiste, embora reconhecendo a grandeza do sistema Hegeliano, principalmente devido à sua dialética.

Em *A Ideologia Alemã*, em uma passagem em que critica Bauer, Hegel e Feuerbach, Marx afirma:

A ideia especulativa, a representação abstrata, é feita a força motriz da história e, desse modo, a história é transformada em mera história da filosofia. Mas mesmo esta última não é de forma alguma concebida tal como realmente acontece de acordo com as fontes existentes, e muito menos tal como se desenvolveu a partir da influência das relações históricas reais [realen], mas sim como foi concebida e descrita pelos nossos filósofos alemães, Hegel e Feuerbach em particular. (...) A história se torna, assim, uma mera história de ideias ilusórias, uma história de espíritos e fantasmas, enquanto a história real, empírica, que constitui o fundamento dessa história de fantasmas, só é explorada a fim de produzir os corpos para esses

³ Nomeio textos de maturidade de Marx, a partir de 1856, quando o autor redige manuscritos relacionados à crítica da economia política, como os *Grundrisse*, a *Contribuição à crítica da economia política* e *O Capital*.

fantasmas; dela são tomados de empréstimo os nomes necessários para vestir os fantasmas com a aparência da realidade [Realität].⁴

Em outras palavras Marx acusa Hegel de transformar a ideia especulativa, a representação abstrata, em força motriz da história, fazendo com que a história real seja explorada apenas para servir de corporificação destas ideias.

Certamente um hegeliano defenderia Hegel destas acusações como fez Taylor ao afirmar que “ao apreender as categorias de pensamento sobre as coisas, estamos também apreendendo a planta baixa ou a estrutura essencial em conformidade com a qual o mundo se explicita.”⁵ De acordo com Taylor “O pensamento e as determinações através das quais ele opera não são o apanágio de um sujeito em oposição ao mundo, mas residem na raiz mesma das coisas.”⁶ Entretanto, ainda conforme Taylor: “a realidade que percebemos enquanto sujeitos finitos é a corporificação do espírito ou do sujeito infinito. Porém, a vida do espírito é o pensamento racional.”⁷

Ou seja, ainda que as categorias do pensamento hegeliano proponham uma unidade entre sujeito e objeto, revelando a essência das coisas e do próprio pensamento, parece haver uma hipóstase do conceito de espírito que se corporificaria⁸ nos sujeitos finitos, da história, por exemplo.

De qualquer forma, conforme afirma Safatle: “O que o espírito é, até que ponto estamos a descrever uma entidade metafísica ou apenas a apropriação reflexiva das condições gerais de gênese da experiência, eis um ponto que será objeto de muita polêmica para a posteridade dialética.”⁹

Voltando a Marx, se em *A Ideologia Alemã*, o autor critica duramente Hegel e os neo-hegelianos de esquerda como Bauer e Stirner, parecendo afastar-se do que ele denomina ideologia alemã, definido por ele como um processo de produção da ideia que não reflete a concepção do processo real da história e que muitas vezes autonomiza-se diante dela. Neste texto ainda, Marx ressalta que as formações ideais devem ser compreendidas a partir da práxis

⁴ MARX K. e ENGELS F.. *A Ideologia Alemã*. Trad. Rubens Enderle. Nélío Schneider e Luciano Cavini Mortorano. São Paulo: Boitempo Editorial 2007, p. 134.

⁵ TAYLOR C. *Sistema, Método e Estrutura*. Trad. Nélío Schneider. São Paulo: Realizações Editora, 2014, p. 254.

⁶ TAYLOR C. *Sistema, Método e Estrutura*, p. 253.

⁷ TAYLOR C. *Sistema, Método e Estrutura*, p. 253.

⁸ TAYLOR C. *Sistema, Método e Estrutura*, p. 254: “a realidade exterior à qual essas categorias se aplicam não só é uma corporificação do *Geist*, mas também é posta pelo *Geist* como sua corporificação.”

⁹ SAFATLE V. *Curso: reler Marx hoje*. São Paulo: USP, 2016, p. 55

material e que “os produtos da consciência” só podem ser dissolvidos pela demolição prática das relações sociais (Marx, 2007, p.43).

Não obstante, feita a crítica ferrenha ao que Marx chama de ideólogos alemães, o autor reconhece o lugar destacado de Hegel e Feuerbach para a compreensão da totalidade social. Trataremos aqui apenas do elemento que Marx ressalta ser grandioso na filosofia de Hegel, a saber: a dialética.

Vejam como Hegel expõe a dialética na Enciclopédia¹⁰: No parágrafo 79 Hegel afirma: “A lógica tem, segundo a forma, três lados: a) o lado abstrato ou do entendimento; b) o dialético ou negativamente-racional; c) o especulativo ou positivamente racional.” Hegel ressalta que estes três lados da lógica são “momentos de todo [e qualquer] lógico-real (...) de todo conceito ou de todo verdadeiro em geral.” No parágrafo 81 afirma o autor: “Em sua determinidade peculiar, a dialética é antes a natureza própria e verdadeira das determinações-do-entendimento — das coisas e do finito em geral.” Mais adiante neste mesmo parágrafo assevera Hegel: “O dialético constitui pois a alma motriz do progredir científico; e é o único princípio pelo qual entram no conteúdo da ciência a conexão e a necessidade imanentes (...)”¹¹¹²¹³.

Marx certamente concordaria com essas definições de dialética colocadas por Hegel como constituindo a verdadeira natureza das coisas postas em movimento, movimento este que ocorre no jogo das oposições e superações do objeto analisado com seu outro. Ou seja, tudo que é parcial, toda categoria inadequada precisa perecer, ser superada a partir de seu contrário, conforme afirma Taylor “As categorias inadequadas apenas correspondem à realidade parcial, inadequada”¹⁴ e devem perecer, com conservação, para Hegel. Conforme mencionado, o perecimento do objeto analisado se dá pelo movimento de sua superação a

¹⁰ HEGEL G.W.F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio**. Trad. Paulo Meneses com a colaboração do Pe. José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 159.

¹¹ HEGEL, **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio**, p. 163. “(...) assim como, no dialético em geral, reside a verdadeira elevação — não exterior — sobre o finito.”

¹²HEGEL, **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio**, p. 164. Afirma ainda, no parágrafo 82 que: “A dialética tem um resultado positivo por ter um conteúdo determinado, ou por seu resultado na verdade não ser o nada vazio, abstrato, mas a negação de certas determinações que são contidas no resultado, precisamente porque este não é um nada imediato, mas um resultado. 2-) Esse racional, portanto, embora seja algo pensado — também abstrato —, é ao mesmo tempo algo concreto, porque não é unidade simples, formal, mas unidade de determinações diferentes.”

¹³ Na ciência da lógica, HEGEL, **Ciência da Lógica. 1. A Doutrina do Ser**. Trad. de Christian G. Iber, Marolen L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis: Editora Vozes, 2016, p.133 explica o finito da seguinte forma: “Algo posto com seu limite imanente como a contradição de si mesmo, através da qual ele é apontado e impulsionado para além de si, é o finito.”

¹⁴TAYLOR C. **Sistema, Método e Estrutura**, p. 258.

partir das oposições postas, ou seja, pelo movimento dialético. Desta forma, o proceder científico não pode ser outro que não o dialético.

Nos *Manuscritos econômico-filosóficos* (de 1844) texto considerado ainda de juventude de Marx, anterior à *Ideologia Alemã* o autor ressalta a grandeza da *Fenomenologia* hegeliana e de seu resultado final, qual seja: “a dialética da negatividade na qualidade de princípio motor e gerador.”¹⁵ Entretanto, de acordo com Marx dos *Manuscritos*, Hegel, ao conceber a negação da negação como elemento fundamental do processo de movimento do espírito, apenas teria encontrado “a expressão abstrata, lógica, especulativa para o movimento da história que não seria ainda história efetiva do homem como sujeito pressuposto.”¹⁶

Em outros termos, embora Marx nunca deixe de ser crítico do sistema de Hegel, o elogio à dialética não apenas como modo de exposição do objeto real, mas como expressão do próprio movimento de oposições do objeto da realidade, sempre figurou como elemento central da teoria do autor, mérito que é atribuído diretamente e explicitamente a Hegel.

Em seus escritos de maturidade Marx assume ainda mais explicitamente sua influência Hegeliana no que concerne à compreensão do movimento do real como choque de oposições que se superam. No posfácio da segunda edição do *Capital* Marx declara-se como discípulo de Hegel, enfatizando que embora a dialética de Hegel seja mistificada, tal elemento não impede, de forma alguma, que “ele tenha sido o primeiro a expor suas formas gerais de movimento.”¹⁷ De acordo com Marx, em Hegel a dialética se encontrava “de cabeça para baixo,” seria necessário desvirá-la, “a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico.”¹⁸

Contudo, em que constituiria a mistificação da dialética em Hegel que estaria de cabeça para baixo e que teria de ser desvirada? Marx afirma, neste posfácio, que Hegel haveria feito uma confusão ao considerar o processo de pensamento ou a Ideia como sujeito autônomo, demiurgo do processo efetivo da história, enquanto, para Marx, a ideia seria apenas a manifestação do processo real da história. Marx certamente sabe que para Hegel o conceito pensado é realidade do pensamento e do objeto e neste sentido há uma união entre ambos (sujeito e objeto) e compreensão da coisa nela mesma. Entretanto, para Marx, Hegel não teria exposto a coisa tal como ela é, mas antes apenas ideias ou fantasmas prontos a se corporificar

¹⁵ MARX K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 43.

¹⁶ MARX, *Manuscritos econômico-filosóficos*. p. 40.

¹⁷ MARX K., *O Capital*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 91.

¹⁸ MARX, *O Capital*, p. 91.

na empiria, na história. Segundo Marx: “o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem.”¹⁹

Entretanto, não nos enganemos, Marx não é um mero empirista que considera que a aparência do fenômeno ou suas formas possibilitam chegar imediatamente à sua essência.

De acordo com Marx o que é apresentado mais imediatamente aos sentidos constitui uma massa empírica que muitas vezes esconde a essência ou o cerne do movimento do objeto analisado, como ocorre com as categorias da economia política explicadas por Adam Smith e Ricardo. Para os economistas políticos denominados vulgares por Marx, que não são Smith e Ricardo, o valor das mercadorias seria estabelecido nas relações de troca. Tais economistas, certamente, cometeram este erro por não considerarem a dialética do objeto analisado, no caso as oposições contidas no objeto, seu movimento e as mediações e relações referentes a ele. Mesmo os economistas considerados não vulgares por Marx, como Adam Smith e Ricardo, que embora tenham erigido a economia política e suas categorias muitas vezes de forma acertada, como no que diz respeito à lógica da determinação do valor, incorrem em erros, por suprimir a dialética do processo de movimento do objeto analisado. Quando deparam-se com contradições, neste objeto analisado, em vez de entendê-las como imanentes ao processo de movimento do próprio objeto, tentam resolvê-las apagando tais negações, como se fosse possível. Ricardo, por exemplo, embora tenha enunciado corretamente que o valor das mercadorias é dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-las, por não admitir a contradição que há entre os produtores das mercadorias (trabalhadores) e os apropriadores (os capitalistas), acaba por enganar-se no fato de que o lucro e a renda da terra seriam remunerados justamente, não sendo provenientes de uma apropriação espúria dos capitalistas sobre os trabalhadores.

Em outras palavras, é porque Marx assume que o próprio objeto analisado, a saber: o modo de produção capitalista é dialético, contraditório, com oposições, mediações e relações que põem o próprio movimento do real social, que Marx acaba por superar as categorias econômicas tratadas por Smith e Ricardo, estabelecendo categorias que espelham²⁰ o movimento contraditório do processo do modo de produção capitalista.

Contudo, este movimento processual dialético, ou posto por oposições do modo de produção capitalista não é dado imediatamente pela sensibilidade como poderia se presumir a

¹⁹ MARX, *O Capital*, p. 90.

²⁰ MÜLLER, M. *Exposição e Método Dialético em “O Capital.”* Belo Horizonte: Boletim Seaf, 1982.

partir de uma abordagem empirista. A intuição e a representação possuem um papel importante, é verdade, mas para que se atinja a essência do modo de produção capitalista é necessário uma abordagem que seja igual ao próprio movimento do real, a saber: um modo de exposição que também seja dialético.

Para que se compreenda este modo de exposição que deve partir dos elementos mais gerais, como o capital em geral (explicados em sua essência) aos elementos derivados dos elementos gerais, Marx ressalta nos *Grundrisse* que ele não poderia começar sua exposição do modo de produção capitalista pela palavra população, por exemplo, pois como diz o autor:

A população é uma abstração quando deixo de fora, por exemplo, as classes das quais é constituída. Essas classes, por sua vez, são uma palavra vazia se desconheço os elementos nos quais se baseiam. Por exemplo, trabalho assalariado, capital. etc. Estes supõem troca, divisão do trabalho, preço, etc. O capital, por exemplo, não é nada sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem o preço. Por isso, se eu começasse pela população, esta seria uma representação caótica do todo.²¹

Na introdução dos *Grundrisse* Marx explicita mais detidamente seu método de exposição da crítica da economia política: “O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto a unidade da diversidade. Por essa razão o concreto aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida.”²² Para Marx as determinações abstratas levam à reprodução do concreto e é o pensamento que realiza a tarefa de organização dele, embora este mesmo todo concreto seja um todo vivente fora da mente. O modo de ascender do abstrato ao concreto é apenas o modo do pensamento apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como concreto mental, mas como afirma Marx, “de forma alguma é o processo de gênese do próprio concreto.”²³ Então, para o autor, a categoria econômica mais simples, por exemplo o valor de troca, pressupõe a população produzindo em relações determinadas, pressupõe também um certo tipo de comunidade ou Estado. A simples categoria econômica valor de troca só pode existir como relação abstrata de um “todo vivente concreto já dado.”

Citando Marx através de Rosdolsky,²⁴ “toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem diretamente.” Mas, na realidade, “a forma das relações econômicas, tal *como* aparece na superfície, e portanto, inicialmente, nas ideias

²¹ MARX K. *Grundrisse*. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011b, p. 54.

²² Marx continua este trecho e ressalta que o concreto vivente pode ser o ponto de partida efetivo no sentido de que também é o ponto de partida da intuição e da representação. MARX, *Grundrisse*, p. 54.

²³ MARX, *Grundrisse*, p. 55.

²⁴ ROSDOLSKY, *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*, p. 470.

(...), difere muito - de fato, é inversa, antitética - de sua essência encoberta e do conceito que lhe corresponde.” (*Capital* livro III). A diferença entre aparência e essência das relações econômicas está posta pela própria realidade, que aparenta ser algo que não é. Como por exemplo, o erro já mencionado dos economistas vulgares que certamente não se utilizam da dialética para entender o objeto e acabam por pensar que a determinação dos valores das mercadorias ocorre na esfera da circulação. É o objeto das relações sociais que é dialético, porque em fenômenos aparentes das relações econômicas é necessário apreender suas oposições e mediações a fim de atingir a essência do objeto. Essência esta que está em constante movimento, a partir da superação de suas oposições. O pensamento que tenta reconstruir o concreto só pode ser da mesma natureza do objeto, i.e., só pode ser dialético.

Desta forma, afirma Lukács (citação indireta por Rosdolsky²⁵) “que para captar os fatos corretamente, deve-se captar a diferença entre sua aparência e essência. É necessário separar os fenômenos e a forma imediata na qual eles aparecem, encontrar suas mediações, através das quais os fenômenos que aparecem imediatamente podem conectar-se com sua essência.”

Em outros termos, o método de exposição de Marx, conforme as próprias palavras do autor, seria o próprio processo contraditório do real transposto na cabeça dos seres humanos. Entretanto, este processo contraditório do movimento real, a dialética do objeto propriamente dito, só pode ser apreendida, quando a forma de análise do objeto é dialética, caso contrário ficaríamos presos apenas ao âmbito da aparência dos fenômenos que foi o que ocorreu com os economistas vulgares e, em certa medida, com Adam Smith e Ricardo.

Esta totalidade do concreto como totalidade do pensamento, afirma Marx,²⁶ “é de fato um produto do pensar, do conceituar, mas de forma alguma é um produto do conceito que pensa fora e acima da intuição e da representação, e gera a si próprio, sendo antes produto da elaboração da intuição e da representação em conceitos” (...) O sujeito real, como antes, continua a existir em sua autonomia fora da cabeça.” Sujeito e sociedade são continuamente pressupostos da representação.

As categorias representantes do capital em geral, as primeiras a serem consideradas em *O Capital* são abstraídas do todo, inicialmente, porque, quando explicadas de forma científica, expressam formas de manifestação essenciais do capital em geral. A partir delas torna-se

²⁵ ROSDOLSKY, *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*, 2001, p. 470.

²⁶ MARX, *Grundrisse*, p. 55.

possível ascender às categorias que dependem das primeiras, para formar a trama do movimento contraditório categorial que compõe um maior nível de concretude.

Então pode-se entender a elaboração final dos três tomos de *O Capital*, utilizando a dialética como modo de organização de um todo que é também dialético, da seguinte maneira: Marx precisa em primeiro lugar expor a essência do capital em geral, embora ele não se apresente assim imediatamente na empiria. Desta maneira, trata da mercadoria e do dinheiro, porque são as formas de manifestação do capital em geral que aparecem imediatamente, mas Marx ultrapassa a aparência para explicá-las em sua essência. A partir delas (que constituem a seção I do livro I) pode-se explicar a transformação do dinheiro em capital (seção II), a produção do mais valor absoluto e relativo (seções III, IV e V), o salário (seção VI) e para finalizar o livro I é exposto na seção VII, o processo de acumulação do capital.

A trajetória de exposição de *O Capital* não ocorre na ordem cronológica dos acontecimentos da história, como se poderia pensar, ela segue a ordem de exposição que apresenta categorias abstratas relacionadas à aparência das formas de manifestação do capital, mas que são explicadas em sua essência e que se relacionam e se negam, até atingir o todo da concretude, que no livro I, se dá pela seção VII que explica o processo de acumulação do capital. Tal explicação final, mais abrangente e mais concreta só pode se dar porque já foram apresentados os elementos fundamentais para que o processo de acumulação de capital possa ser explanado. Os elementos essenciais explicitados inicialmente são a forma mercadoria, dinheiro, a transformação do dinheiro em capital, a extração do mais-valor e o significado dos salários. Nos capítulos finais do livro I, Marx demonstra como o capital é uma relação²⁷ social e que seu processo de constante realização, produção de mercadorias, transformação dessas mercadorias em dinheiro, extração do mais-valor, “reinvestimento” no processo de produção, não apenas produz e reproduz o capital em escala cada vez mais ampliada, como produz e reproduz subjetividades, certos tipos de relação, alienação do trabalho, fetiche da mercadoria e do dinheiro e as classes dos capitalistas de um lado e trabalhadores de outro.²⁸

²⁷ MARX, *O Capital*, p. 836: “Inicialmente, Wakfield descobriu nas colônias que a propriedade de dinheiro, meios de subsistência, máquinas e outros meios de produção não confere a ninguém a condição de capitalista se lhe falta o complemento: o trabalhador assalariado, o outro homem, forçado a vender a si mesmo voluntariamente. Ele descobriu que o capital não é uma coisa, mas uma relação social entre pessoas, intermediada por coisas.”

²⁸ MARX, *O Capital*, p. 720: “todos os métodos para aumentar a força produtiva social do trabalho aplicam-se à custa do trabalhador individual; todos os meios para o desenvolvimento da produção convertem em meios de dominação e exploração do produtor, mutilam o trabalhador, fazendo dele um ser parcial, degradam-no à condição de um apêndice da máquina, aniquilam o conteúdo de seu trabalho ao transformá-lo num suplício,

A dialética de Marx toma de Hegel que o real é um processo que se movimenta por constantes oposições e superações destas oposições, embora a sociedade capitalista seja a expressão das máximas oposições, ao contrário do que Hegel expõe sobre um certo momento positivo da sociedade burguesa, a partir da constituição dos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade.

As oposições dialéticas que Marx expõe em *O Capital* iniciam com a contradição valor e valor de uso presentes na mercadoria. Como a valorização do valor é o objetivo do modo de produção capitalista, ocorre a negação dos valores de uso, por parte dos capitalistas. O dinheiro autonomiza-se como a forma do capital que expressa o valor.²⁹ Ele torna-se o universal da riqueza, a “encarnação social de todo trabalho humano,” embora nunca possa, de fato, autonomizar-se totalmente da produção de mercadorias.³⁰ Esta é a primeira contradição que Marx expõe no livro I de *O Capital*.

O valor da mercadoria como tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la e reproduzi-la pressupõe a noção de trabalho abstrato, tanto do ponto de vista qualitativo quanto do ponto de vista quantitativo, porque é necessário que os trabalhos concretos sejam abstraídos para que se atinja o tipo de trabalho que compõe o trabalho produtor de mercadorias e gerador de capital.

É o trabalho apenas enquanto dispêndio de músculo, força e cérebro humano que compõe o trabalho abstrato e o valor das mercadorias. Os indivíduos são reduzidos à condição de “órgãos do trabalho”³¹, para estabelecer o trabalho abstrato que é trabalho social, substância de valor das mercadorias. Fausto ressalta, entretanto, que esta abstração é uma abstração real, presente onde quer que domine a sociedade burguesa produtora de mercadorias, bem como é um universal concreto, porque ao mesmo tempo que se opõe ao trabalho concreto como universalidade, o contém como singularidade. Tal afirmação, sem dúvida, tem uma base Hegeliana conforme verifica-se na citação a seguir de Hegel via

alienam ao trabalhador as potências espirituais do processo de trabalho na mesma medida em que a tal processo se incorpora a ciência como potência autônoma, desfiguram as condições nas quais ele trabalha, submetem-no, durante o processo de trabalho, ao despotismo mais mesquinho e odioso, transformam seu tempo de vida em tempo de trabalho (...).”

²⁹ MARX, **O Capital**, p. 229-230: “Como sujeito usurpador de tal processo, no qual ele assume ora a forma do dinheiro, ora a forma da mercadoria, porém conservando-se e expandindo-se nessa mudança, o valor requer, sobretudo, uma forma independente por meio da qual sua identidade possa ser constatada. E tal forma ele possui apenas no dinheiro.”

³⁰ ROSDOLSKY, **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**, p. 14: “Sua autonomia é apenas aparente; sua independência da circulação existe apenas tendo em vista a própria circulação, é uma expressão de sua dependência em relação a ela.”

³¹ FAUSTO R. **Sentido da dialética. Marx: lógica e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, p. 130.

Fausto³²: “Na oposição o diferente, de um modo geral, não tem somente diante dele um outro, mas o seu outro.” Assim, o trabalho abstrato tem diante de si o seu outro que é o trabalho concreto.

Entretanto o trabalho abstrato, como tempo de trabalho socialmente necessário à produção de mercadorias só pode existir quando há a separação completa dos trabalhadores de seus meios de produção e quando um certo ritmo de produção extrator de mais-valor é impresso à sociedade como um todo (tempo de trabalho socialmente necessário para produzir e reproduzir as mercadorias).

Inúmeras contradições mediadas brotam do modo de produção capitalista e são expostas no livro I de *O Capital*. Tais contradições vão das mais gerais para que através de suas oposições e mediações atinjam novas categorias como o mais-valor extraído no processo de trabalho e realizado na esfera da circulação, sendo igual à acumulação de capital. O valor é sujeito automático que se impõe ao todo da sociedade com suas leis reificadas.³³ Capitalistas e trabalhadores assumem máscaras econômicas que não passam de personificações das relações econômicas, “como suporte das quais elas se defrontam umas com as outras.”³⁴ Desta imposição do modo de produção capitalista aos humanos como coisa alheia a todos³⁵, brota o fetiche da mercadoria e do dinheiro em que relações entre pessoas tomam a forma de relações entre coisas (pessoas são sistematicamente coisificadas neste processo, pois pessoas são mercadorias) e relações entre coisas são personificadas tomando a forma de relações entre pessoas.

³² FAUSTO, *Sentido da dialética. Marx: lógica e política*, p. 146.

³³ MARX, *O Capital*, p. 230: “O valor passa constantemente de uma forma a outra, sem se perder nesse movimento, e, com isso, transforma-se no sujeito automático do processo. Ora, se tomarmos as formas particulares de manifestação que o valor que se autovaloriza assume sucessivamente no decorrer de sua vida, chegaremos a estas duas proposições: capital é dinheiro, capital é mercadoria. Na verdade, porém, o valor se torna, aqui, o sujeito de um processo em que ele, por debaixo de sua constante variação de forma, aparecendo ora como dinheiro, ora como mercadoria, altera sua própria grandeza e, como mais-valor, repele a si mesmo como valor originário, valoriza a si mesmo.”

³⁴ MARX, *O Capital*, p. 160.

³⁵ LUKÁCS G. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2016, p. 309: “Pois o proletariado aparece como produto da ordem social capitalista. Suas formas de existência (...) são constituídas de tal maneira, que a reificação deve se manifestar nelas do modo mais marcante e mais penetrante, produzindo a desumanização mais profunda. Portanto, o proletariado partilha a reificação de todas as manifestações de vida com a burguesia. Diz Marx: “A classe possuidora e a classe do proletariado apresentam a mesma auto-alienação humana. Mas a primeira sente-se à vontade e confirmada nessa auto-alienação, reconhece a alienação como seu próprio poder e possui nela a aparência de uma existência humana. A segunda se sente aniquilada na alienação, percebe nela sua impotência e a realidade de uma existência desumana.” Die heilige Familie, MEW 2, p. 37.

No mercado, tudo se passa como se houvesse apenas troca de equivalentes, mercadoria de igual valor seria trocada por mercadoria de igual valor (pressupondo a pureza do sistema), mas como entender, sem a dialética, que a mercadoria força de trabalho nunca é trocada por seu equivalente? Ela é trocada por seu equivalente porque o capitalista a compra no mercado como compra qualquer outra mercadoria e paga seu valor que tende a ser dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzir ou reproduzir esta mercadoria que é a sua subsistência³⁶, considerando o processo em sua pureza. Após a compra da mercadoria humana força de trabalho, o capitalista sente-se no direito de usá-la como lhe convier, como qualquer outra mercadoria que ele compre, mas tomando o sentido dialético da troca de equivalentes, a mercadoria força de trabalho não é paga por seu equivalente porque produz mais do que aquilo que se apropria, produz mais-valor que é expropriado dela.³⁷

Então aqui coloca-se a contradição posta no conceito de troca de equivalentes, bem como a contradição fundamental do modo de produção capitalista denominada capital-trabalho. Só há capitalista porque há trabalho assalariado e enquanto houver trabalho assalariado haverá capitalista, porque o assalariamento significa expropriação de mais trabalho, de mais-valor pelo capitalista. Mas estes dois termos (trabalho e capital) estão em aguda contradição dado que a existência do capital significa a negação do trabalho enquanto realização humana, enquanto trabalho não alienado ou não sujeito ao fetiche da mercadoria e do dinheiro.

É por isso que Marx explicita em *O Capital* que o valor é sujeito automático, resultante de relações econômicas cujos suportes são os capitalistas e trabalhadores que se relacionam a

³⁶ Tal subsistência varia de local para local, depende do momento histórico e das lutas dos trabalhadores.

³⁷ MARX, *O Capital*, p. 659: “A troca de equivalentes, que aparecia como a operação original, torceu-se ao ponto de que agora a troca se efetiva apenas na aparência, pois, em primeiro lugar, a própria parte do capital trocada por força de trabalho não é mais do que uma parte do produto do trabalho alheio, apropriado sem equivalente; em segundo lugar, seu produtor, o trabalhador, não só tem de repô-la, como tem de fazê-lo com um novo excedente. A relação de troca entre o capitalista e o trabalhador se converte, assim, em mera aparência pertencente ao processo de circulação, numa mera forma, estranha ao próprio conteúdo e que apenas o mistifica. A contínua compra e venda da força de trabalho é a forma. O conteúdo está no fato de que o capitalista troca continuamente uma parte do trabalho alheio já objetivado, do qual ele não cessa de se apropriar sem equivalente, por uma quantidade maior de trabalho vivo alheio. Originalmente, o direito de propriedade apareceu diante de nós como fundado no próprio trabalho. No mínimo esse suposto tinha de ser admitido, porquanto apenas possuidores de mercadorias com iguais direitos se confrontavam uns com os outros, mas o meio de apropriação da mercadoria alheia era apenas a alienação [Veräußerung] de sua mercadoria própria, e esta só se podia produzir mediante o trabalho. Agora, ao contrário, a propriedade aparece do lado do capitalista, como direito a apropriar-se de trabalho alheio não pago ou de seu produto; do lado do trabalhador, como impossibilidade de apropriar-se de seu próprio produto. A cisão entre propriedade e trabalho torna-se consequência necessária de uma lei que, aparentemente, tinha origem na identidade de ambos.”

partir de suas máscaras econômicas.³⁸ Os capitalistas teriam apenas uma aparência de sujeito e todos estariam submetidos ao fetiche da mercadoria e do dinheiro, incluindo capitalistas, enquanto perdurarem as contradições deste modo de produção.³⁹

Pelo fato do trabalho, no modo de produção capitalista, ser alienado e estar sujeito ao fetiche da mercadoria e do dinheiro, o ser humano enquanto capitalista ou proletário é um não ser humano, porque há a passagem de seu sujeito no predicado e o sujeito é negado neste predicado, conforme ressalta Fausto⁴⁰: “Com efeito, se considerarmos um juízo como “o homem é o operário,” é preciso sempre reconhecer a passagem do sujeito no predicado, pois o “homem” não é, neste caso, um verdadeiro sujeito consciente⁴¹ ontológico como no socialismo.” Da mesma forma as afirmações “a liberdade é liberdade burguesa,” ou a “riqueza é riqueza capitalista” faz passar o sujeito em seus predicados negando seus sujeitos.⁴² Isto significa que homens e mulheres, liberdade e riqueza são negados no modo de produção capitalista. “O predicado exprime a negação do sujeito: a relação entre sujeito e predicado é uma relação contraditória.”⁴³

Conforme afirma Fausto⁴⁴: “Quem diz contradição (dialética) diz “tensão,” separação, mas também união entre os dois termos” que em seu movimento devem ser superados.

De acordo com Safatle⁴⁵ A *Aufhebung* de Hegel entendida como choque de oposições que é superada, com conservação, não pode ser a mesma de Marx, pois o que foi ultrapassado pela superação, mantém-se ainda que como alegoria para Hegel. Ou seja, este tipo de *Aufhebung* não significaria mais do que a compreensão do que existe como incompletude em relação ao que ainda está por vir. Para Marx, contudo, a dialética deve oferecer outra forma de superação, pois o modo de produção capitalista não é incompleto, ele não deve ser superado com conservação, ainda que como alegoria, ele deve ser totalmente superado, a partir do choque de contradições reais que gerem sujeitos “impredicados,” conforme afirma Safatle.⁴⁶ Por isso a dialética de Marx deve necessariamente ser teoria das revoluções. Revoluções que

³⁸ MARX, *O Capital*, p. 160: “Na sequência de nosso desenvolvimento, veremos que as máscaras econômicas das pessoas não passam de personificações das relações econômicas, como suporte [Träger] das quais elas se defrontam umas com as outras.”

³⁹ Vide nota 13.

⁴⁰ FAUSTO, *Sentido da dialética. Marx: lógica e política*, p. 69.

⁴¹ Palavra introduzida por nós.

⁴² FAUSTO, *Sentido da dialética. Marx: lógica e política*, p. 72: “a negação não é limitação do infinito, mas realização negativa do infinito enquanto infinito.”

⁴³ FAUSTO, *Sentido da dialética. Marx: lógica e política*, p. 72.

⁴⁴ FAUSTO, *Sentido da dialética. Marx: lógica e política*, p. 77.

⁴⁵ SAFATLE. *Curso: releer Marx hoje*, p. 57-59.

⁴⁶ SAFATLE. *Curso: releer Marx hoje*, p. 59.

não apenas mudem o modo de apropriação do produto, mas transformem uma forma de produção que elimine o trabalho alienado e o fetichismo da mercadoria e do dinheiro, a ponto de modificar os “modelos de relação intersubjetiva,” de “descentrar os sujeitos” e de transformar a estrutura da sensibilidade humana que “significa uma mudança na relação com à natureza, ao mundo dos homens e à si mesmo.”⁴⁷ Em outras palavras, a dialética de Marx implica choque de contradições que leve à efetiva emancipação humana.

Em outros termos, se quisermos superar as contradições postas no modo de produção capitalista é necessário, para Marx, que a classe que não possui nada a perder a não ser suas cadeias, os trabalhadores, lute contra esta estrutura reificada de produção de mercadorias, de classes e de subjetividades.

É por isso que Marx⁴⁸ ressalta que:

Em sua forma mistificada, a dialética esteve em moda na Alemanha porque parecia glorificar o existente. Em sua configuração racional, ela constitui um escândalo e um horror para a burguesia e seus porta-vozes doutrinários, uma vez que, na inteligência positiva do existente, inclui ao mesmo tempo, a inteligência de sua negação, de seu necessário perecimento. Além disso, apreende toda forma desenvolvida no fluxo do movimento, portanto, incluindo o seu lado transitório; porque não se deixa intimidar por nada e é, por essência, crítica e revolucionária.

A atualidade social, infelizmente não coloca na ordem do dia, uma perspectiva revolucionária, apesar da existência de inúmeras experiências reais que tentam confrontar a lógica da propriedade privada burguesa como algumas cooperativas de economia solidária e experiências de autogestão. Estes casos constituem importantes experiências para participação mais consciente no âmbito do trabalho, por parte dos trabalhadores. Entretanto, estudando-as, parece que tais experiências, embora sejam relevantes no sentido mencionado, não apresentam a capacidade de fazer frente ao capital, fazendo-nos concordar com Marx que para a solução das contradições postas no modo de produção capitalista um enfrentamento direto à sua estrutura de produção de valor, acumulação de capital e assalariamento se faz necessário. Parece que experiências como as de economia solidária e autogestão não conseguem nos fazer prescindir do sujeito revolucionário como descrito por Marx, para superar a estrutura de exploração e reificação da sociedade capitalista.

⁴⁷ SAFATLE, **Curso: reler Marx hoje**, 2016.

⁴⁸ MARX. **O Capital** p. 91.

Este prevaecimento do momento negativo do movimento contraditório do modo de produção capitalista e resultante necessidade de perecimento deste modo de produção só podem ser apreendidos em sua própria lógica que é dialética.

*Maria Cristina Longo Cardoso Dias
Departamento de Filosofia - CCHLA
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Campus Lagoa Nova, Natal*

crislongo@gmail.com

BIBLIOGRAFIA

ASTRADA, Carlos. **Dialéctica e História**. Buenos Aires: Juárez Editor S.A, 1969.

DUSSEL, Enrique. **The four drafts of Capital: Towards a new interpretation of the dialectical thought of Marx**. Disponível em: <https://www.mtholyoke.edu/~fmoseley/Dussel.pdf>

FAUSTO, Ruy. **Sentido da dialética. Marx: lógica e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

GIANNOTTI, José, Arthur. **Considerações sobre o método**. In O capital. São Paulo: Boitempo editorial, 2013.

HARVEY, David. **A companion to Marx's Capital**. Londres: Verso, 2010.

HEGEL, Georg, Wilhelm, Friedrich. **Ciência da Lógica. 1. A doutrina do ser**. Tradução de Christian G. Iber, Marolen L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

HEGEL, Georg, Wilhelm, Friedrich. **Ciência da Lógica. 3. A Doutrina do Conceito**. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis: Editora Vozes, 2018, 325.

HEGEL, Georg, Wilhelm, Friedrich. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio**. Trad. Paulo Meneses com a colaboração do Pe. José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

HEGEL, Georg, Wilhelm, Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

HEGEL, Georg, Wilhelm, Friedrich. **A razão na história**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2014.

KORSCH, Karl. **Marxismo e Filosofia**. Tradução de José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MARX, Karl. e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MARX, Karl. **O capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MARX, Karl. **Grundrisse**. Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MARX, Karl. **Ökonomisch-philosophische Manuskripte**. MEW Bd. 40, 471.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. Tradução de José Arthur Gianotti e Edgar Malagoli. São Paulo: Abril Cultural, 1974b.

MÜLLER, Marcos. **Exposição e Método Dialético em “O Capital.”** Belo Horizonte: Boletim Seaf, 1982.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O capital**. Tradução de César Benjamin. Rio de Janeiro: Ed. Uerj - Contraponto, 2001.

SAFATLE, Vladimir, Pinheiro. **Curso: *Reler Marx hoje***, ministrado na USP: São Paulo, 2016.

SAFATLE, Vladimir, Pinheiro. O trabalho do impróprio e as afetos da flexibilização: uma recuperação da atualidade crítica do conceito de trabalho em Marx. Porto Alegre: **Veritas**, v. 60, p. 12-49, 2015.

TAYLOR, Charles. **Hegel: Sistema, método e estrutura**. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Realizações Editora, 2014.